

**A TRANSFILOSOFIA SENTITIVA DO RIZOMA: UM SISTEMA DECOLONIAL
PLANETÁRIO-COMPLEXO**

***LA TRANSFILOSOFÍA SENTIPENSANTE DEL RIZOMA: UN SISTEMA
DECOLONIAL PLANETARIO-COMPLEJO***

***THE SENSITIVE TRANS-PHILOSOPHY OF THE RHIZOME: A PLANETARY-
COMPLEX DECOLONIAL SYSTEM***



Milagros Elena RODRÍGUEZ¹
e-mail: melenamate@hotmail.com

Como referenciar este artigo:

RODRÍGUEZ, M. E. A Transfilosofia Sentitiva do Rizoma: Um sistema decolonial planetário-complexo. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 7, n. 00, e023004. e-ISSN: 2177-5060. DOI: <https://doi.org/10.29378/plurais.v8i00.18909>



| Enviado em: 15/06/2023

| Revisões requeridas em: 22/08/2023

| Aprovado em: 19/09/2023

| Publicado em: 24/10/2023

Editores: Profa. Dra. Célia Tanajura Machado
Profa. Dra. Kathia Marise Borges Sales
Profa. Dra. Rosângela da Luz Matos

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade do Oriente (UDO), Avenida Universitária, Cumaná – Sucre – Venezuela. Professora-Pesquisadora.

RESUMO: Considerando que a decolonialidade planetária é inerentemente ligada à complexidade, o autor desta análise focaliza a investigação da transfilosofia sensível do rizoma, um sistema complexo. Estudos das linhas de investigação: transmetodologias complexas e transmétodos decoloniais complexos-planetários, Educação Decolonial Planetária - transepistemologias complexas e decolonialidade-complexidade planetária em religação. Uma investigação rizomática antitética às investigações coloniais reducionistas e ao transmétodo de desconstrução rizomática. Na reconstrução, articulou-se relacionalidades que na educação traz especial atenção à complexidade, revelando o que é o ser humano e suas ações em favor de sua realização e preeminência para a vida em todos os sentidos; com respeito pelas civilizações. A forma como convergem pesquisas como decolonialidade-complexidade planetária e educação. Com perspectivas de articulação teórica entre a crítica decolonial transmoderna com as reflexões de Félix Guattari e Gilles Deleuze e a filosofia rizomática.

PALAVRAS-CHAVE: Transfilosofia. Rizoma. Educação. Sentimento. Decolonialidade.

***RESUMEN:** Considerando que la decolonialidad planetaria es apodíctica de la complejidad, como objetivo complejo analizamos la transfilosofía sentipensante del rizoma, el cual es un sistema complejo. Estudios de las líneas de indagación: Transmetodologías complejas y los transmétodos decoloniales planetarios-complejos, Educación Decolonial Planetaria - transepistemologías complejas y decolonialidad planetaria-complejidad en re-ligaje. Una indagación rizomática antítesis de las investigaciones coloniales reduccionistas y el transmétodo la deconstrucción rizomática. En la reconstrucción, articulamos relacionalidades que en la educación trae especial atención a la complejización, el develar lo que es el ser humano y su accionar a favor de su realización y preeminencia por la vida en todo sentido; con el respeto por las civilizaciones. La manera que confluye el investigar como decolonialidad planetaria-complejidad y la educación. Con perspectivas de articulación teórica entre la crítica decolonial transmoderna con las reflexiones de Félix Guattari y Gilles Deleuze y la filosofía rizomática.*

PALABRAS CLAVE: Transfilosofía. Rizoma. Educación. Sentipensante. Decolonialidad.

***ABSTRACT:** Considering that planetary decoloniality is inherently linked to complexity, the author of this analysis focuses on investigating the sensitive rhizome transphilosophy, a complex system. Studies explore research lines in complex transmethodologies and complex planetary decolonial trans methods, Planetary Decolonial Education - complex trans epistemologies, and planetary decolonial complexity in reattachment. This rhizomatic investigation opposes reductionist colonial research and the rhizomatic deconstruction trans method. Reconstruction articulates relationalities that focus on complexity in education, revealing what it means to be human and one's actions for their realization and primacy for life in all senses, with respect for civilizations. This convergence of research, such as planetary decolonial-complexity and education, offers theoretical links between trans-modern decolonial criticism, Félix Guattari and Gilles Deleuze's reflections, and rhizomatic philosophy.*

KEYWORDS: Transphilosophy. Rhizome. Education. Feeling. Decoloniality.

Introdução

Necessidades urgentes e o transmétodo de pesquisa: desconstrução rizomática

A necessidade de descolonizar as ciências, a educação, a pesquisa e a própria vida no planeta jamais pode obviar à descolonização da filosofia. A sublime filosofia antiga foi evadida, para impor uma filosofia separada das ciências, da teologia; assim, os *topoi*: ciência-filosofia, filosofia-teologia, ciência-teologia são separações impostas do pensamento ocidental abismal que muitas vezes é ecoado pelo ocidental Boaventura do Sousa. Separa-se, por exemplo, na razão, no ser humano, da alma e do espírito. A filosofia ocidental atribui a razão do ser humano apenas alojada na mente, que diz que *o ser humano que é: natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus* (Rodríguez, 2022a) é interrompido na colonialidade da filosofia.

No planeta terra como projeto de dominação: a colonialidade em qualquer de suas manifestações, poder, ser, fazer, pensar e sonhar são exercícios da modernidade-pós-modernidade como projeto de contorno, “a colonialidade, conseqüentemente, ainda é o modo mais geral de dominação no mundo atual, uma vez destruído o colonialismo como ordem política explícita” (Quijano, 1992, p. 14, tradução nossa). Dizemos que ela foi destruída porque “quando nossos libertadores expulsaram os invasores, esse colonialismo deveria ter acabado, mas não a evitação, nem a desvantagem de nosso conhecimento, vivendo e estando no mundo com a preeminência do Norte e do Ocidente em seu poderoso exercício de exclusão” (Rodríguez, 2022b, p. 231, tradução nossa).

Nesse sentido, o que é transfilosofia senciente? Vamos esclarecer a semântica. A transfilosofia senciente une a filosofia ocidental descolonizada e não reconhecida a igual grau de importância, por exemplo, os rizomas representam essências complexas que passaram por um processo de descolonização em relação à filosofia ocidental. Nesse sentido, o sentimento é o encontro com o coração, com as emoções; mas também com alma e espírito, reconhecendo a complexidade do ser humano com Deus, assim, o ser deve estar atento ao colonialismo intelectual (Fals Borda, 1978) e os diferentes mecanismos e instrumentos em que é dominado.

Na antítese da colonialidade global, um projeto voltado para a emancipação das vítimas, conhecido como decolonialidade planetária, atribui à filosofia um papel de suma importância. Isso se deve ao fato de que, semelhante à ciência, a filosofia também assumiu uma orientação colonial e elitista, distanciando-se da abordagem que busca compreender o ser humano em toda a sua complexidade, da ética e da religião. Portanto, é imperativo descolonizar a filosofia, que se reduziu a perspectivas estreitas, a fim de direcionar o foco

novamente para as questões fundamentais do pensamento filosófico: Quem é o ser humano? Qual é o seu papel na Terra? (Rodríguez, 2022c), entre outras questões de valor transcendente do ser humano.

Na colonialidade do poder, o sistema-mundo operava como “uma poderosa máquina de subordinação do conhecimento [...], estabelecendo simultaneamente um modelo epistemológico planetário” (Mignolo, 2003, p. 122, tradução nossa). Nesse modelo epistemológico, a transfilosofia senciente (Rodríguez, 2022c) representa uma abordagem que se distancia do enfoque tradicional da filosofia, que foi subjugada pelas amarras da colonialidade. A transfilosofia transcende as limitações da epistemologia convencional da filosofia, expandindo os horizontes e enriquecendo a complexidade filosófica em âmbito global, sem se submeter a dívidas territoriais.

Por outro lado, na pesquisa pós-colonial, nascem rizomas. Será analisado com delicado cuidado, sem perder o norte da libertação em todos os sentidos, que as perspectivas de articulação teórica entre a crítica decolonial transmoderna com as reflexões de Foucault e Deleuze são possíveis, assim como em muitos casos “propusemos incluir em nossas conjecturas e argumentos as contribuições do paradigma da complexidade, o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari” (Busso, 2012, p. 212, tradução nossa). No contexto da busca pela decolonialidade planetária, é fundamental empregar os conceitos rizomáticos com uma abordagem decolonial, mantendo sempre em mente sua intrínseca complexidade. Conforme já mencionado, a decolonialidade planetária é inextricavelmente vinculada à ideia de complexidade.

De maneira intrínseca, a abordagem concentrou-se na riqueza da diversidade transepistêmica, explorando diversas maneiras de descolonizar e revelar os saberes inerentes à filosofia sensível dos rizomas. Além disso, procurou-se promover a consciência decolonial que “busca descolonizar, desagregar e degenerar poder, ser e conhecimento” (Maldonado-Torres, 2007, p. 56, tradução nossa). É reconhecido que dentro das perspectivas pós-coloniais, é viável enriquecer o movimento em prol da decolonialidade planetária. Esse movimento inicia, sem dúvida, no âmago das populações oprimidas do Sul e se expande para abranger, simbolicamente, todos os oprimidos do planeta Terra, que são considerados como parte integrante e digna de abrigo, moradia e sustento. Isso se relaciona à vasta criação divina, liberando a humanidade das opressões religiosas que a têm aprisionado.

Com isso escreve-se em rizomas da transfilosofia senciente dos rizomas, sendo estes uma filosofia, conjugamo-los para pensá-los sentindo a vida pensante, em toda a sua

manifestação. À obra de Gilles Deleuze, intitulada: *Conversas: 1972-1990*, expressa que “o que Guattari e eu chamamos de rizoma é, justamente, um caso de sistema aberto” (Deleuze, 1995, p. 53, tradução nossa). Não se pode esquecer o que significa sistema aberto “sistemas complexos ou abertos são compostos de várias partes cujas interações dão origem a novas propriedades que não podem ser explicadas a partir das propriedades de elementos isolados” (Ingala, 2008, p. 256, tradução nossa).

Sem dúvida, nesse surgimento das partes interagindo com o rizoma todo, nascem elementos maravilhosos que as partes não puderam obter. É uma libertação daqueles elementos que viviam sobrepostos por cada lado, oprimidos e desmistificados. Mas agora no rizoma, como essência particular de sistemas complexos, eles nascem brilhando e coexistem com o rizoma, que se desfaz para se tornar cada vez mais interativo e, portanto, inclusivo.

O autor afirma que um rizoma é “um sistema, é um conjunto de conceitos. E um sistema aberto é aquele em que os conceitos se referem às circunstâncias e não mais às essências” (Deleuze, 1995, p. 53, tradução nossa). Obra de Gilles Deleuze que Emma Ingala Gómez cita, *na complexidade e pensamento de Gilles Deleuze*, e que é fundamental na presente investigação. A partir daqui a análise dos rizomas direciona-se sob a perspectiva da *transfilosofia senciente* (Rodríguez, 2022b).

Assim, além das complexidades, em que a *decolonialidade planetária é apódica da complexidade* (Rodríguez, 2021a) como objetivo complexo, *foi analisado a transfilosofia sensível do rizoma, que é um sistema decolonial planetário-complexo*. São estudos das seguintes *linhas de investigação*: Transmetodologias Complexas e Transmétodos Decoloniais Planetários-Complexos, Educação Decolonial Planetária - Transepistemologias Complexas e Decolonialidade-Complexidade Planetária na Religação. Todo esse processo é conduzido por meio de uma investigação rizomática, que se opõe à abordagem redutora da pesquisa colonial. Agora, irá ser examinado o transmétodo, considerando a desconstrução rizomática como um transmétodo (Rodríguez, 2019a).

Na pesquisa decolonial planetária, essa abordagem é mais apropriadamente referida como transmetodológica, e a autora prefere adotá-la como tal, uma vez que a considera intrinsecamente ligada à decolonialidade planetária. Observa-se que muitas tentativas de desenvolver transmetodologias permanecem anacrônicas em relação à modernidade e à pós-modernidade, ambas permeadas pela influência da colonialidade, tornando a realização plena dessas transmetodologias impossível. É incontestável que, no contexto da pesquisa, aderir a uma perspectiva decolonial equivale a uma desobediência deliberada à metodologia

convencional (Ortiz; Arias, 2019). Nesse ato de desobediência, ocorrem processos de desconstrução, desvinculação, religação e desvelamento, evitando quaisquer formas de supressão ou exclusão.

As transmetodologias transcomplexas no projeto planetário decolonial têm como objetivo transformar o conhecimento em estruturas complexas que possam ser percebidas como arquipélagos de certezas em meio ao vasto oceano da incerteza. Essas estruturas emergem no contexto da decolonialidade e se entrelaçam com formas de sabedoria que estão desvinculadas da influência colonial: "Se o conhecimento é um instrumento imperial de colonização, uma das tarefas urgentes que temos pela frente é descolonizar o conhecimento" (Quijano, 1989, p. 10, tradução nossa).

Em cada dimensão das propriedades dos rizomas, contribui-se para investigações de natureza rizomática com enfoque decolonial complexo. Portanto, as filosofias coloniais estão sendo desmanteladas (Rodríguez, 2019b), não com a intenção de subjugar-las, mas sim de efetuar seu processo de descolonização. Dessa forma, em cada aspecto das propriedades dos rizomas, pode-se identificar sua valiosa contribuição para o aprofundamento da decolonialidade planetária.

Com o auxílio do transmétodo, a desconstrução rizomática empreenderá uma exploração das realidades externas à esfera da modernidade, pós-modernidade e colonialidade, que têm sido obscurecidas e negligenciadas; o outro encoberto (Dussel, 2001). Isso será realizado sem menosprezar o debate qualitativo-quantitativo-sociocrítico que caracteriza a pesquisa modernista, mas sim como parte de um processo complexo e interdisciplinar de construção e reconstrução do conhecimento, alinhado com as perspectivas decoloniais, planetárias e complexas (Rodríguez, 2019a). Dessa maneira, o sujeito da pesquisa é restaurado à medida que a autora, em primeira pessoa, contribui para a exploração do tema com base em sua própria experiência e sentimento.

Desconstrução: Colonialidade e filosofia tradicional, rizomas uma filosofia decolonial

A colonialidade, como amplamente documentado, representa a continuação dos processos coloniais que tiveram início neste lado do planeta em 1492, marcados pela invasão e extermínio de milhões de povos indígenas. No entanto, é importante destacar que a África e diversas outras regiões já haviam sido submetidas à colonização ocidental. Conscientes de que a modernidade, a pós-modernidade e a colonialidade formam um projeto que já demonstrou

sua inviabilidade, pode-se afirmar que a superação dessas concepções é possível a partir de uma episteme histórico-cultural que reconheça a relação ecossistêmica do ser humano com a diversidade existencial de todas as formas de vida que habitam este planeta (Santos, 2011, p. 17). É relevante observar que a tríade composta por modernidade, pós-modernidade e colonialidade encontra base sólida na afirmação de que “não se pode ser moderno sem ser colonial” (Mignolo, 2007, p. 80, tradução nossa). Além disso, a pós-modernidade é, em essência, um epílogo da modernidade (Dussel, 2000).

A filosofia tem sido permeada por um conhecimento reducionista, fora do sentido de suas questões iniciais e dos problemas da vida. Dentro do contexto da colonialidade epistêmica, a chamada “crise ambiental” é inadequadamente nomeada, uma vez que concebemos a humanidade como intrinsecamente parte da natureza. Nesse sentido, a crise é, na verdade, uma crise da civilização, e essa crise tem sido em parte exacerbada pela filosofia colonial, que adotou uma visão reducionista da natureza humana (Rodríguez, 2022c).

É fundamental reconhecer e agir em prol da reflexão que aborda a maneira como o pensamento estabelece uma racionalidade filosófica que muitas vezes nos leva a adotar posturas adversas em relação à nossa própria natureza. Torna-se premente direcionar nossa atenção para a crise da razão, que abrange desde a filosofia da consciência até a filosofia da linguagem (Rojas, 2016). Considerando que as origens da filosofia estavam vinculadas ao amor pelo conhecimento e à compreensão do homem, que concepção do ser humano tem sido sustentada pela filosofia no curso da humanidade? É imperativo salvaguardar o sujeito vivo e complexo, porque “Se o homem é formado pelo espírito, alma e corpo, *πνεῦμα, ψυχή, σωμα* (1Ts 5,23), não é apenas um animal evoluído, mas contém em si uma *scintilla*, um espírito, um algo – e é tudo o que o torna divinizável de uma maneira diferente dos outros seres” (Panikkar, 1999, p. 99, tradução nossa).

O domínio reducionista predominante na construção da filosofia negou a existência do espírito. O espírito sopra onde, quando e como quiser, proporcionando uma conexão com um nível de consciência que é conhecido como consciência mística (Panikkar, 2005). A ausência de uma abordagem filosófica antiga contemporânea ressalta a necessidade urgente de reconectar-se ao conhecimento essencial sobre a natureza humana, isso carece de uma urgente reconexão no planeta terra “Leio Filosofia, a única coisa que não me é estranha, com imensa alegria, porque ela me proporciona uma saída muito luminosa para o mundo, porque a amo como algo que por muito tempo nos esperou, perdoando todas as mais aparentes e afetivas traições. Mas não quero me salvar sozinha” (Zambrano, 2004, p. 678-679, tradução nossa).

A pesquisa em decolonialidade planetária, realizada por meio de uma abordagem rizomática e transmetódica, encontra suas raízes na linha de pesquisa de doutorado intitulada: *Educação do Patrimônio Decolonial Transcomplexa* (Rodríguez, 2017) na qual foram desenvolvidos três métodos transcendentais de natureza complexa e transdisciplinar. Esses métodos, originalmente moldados por concepções modernistas, pós-modernistas e coloniais, são redirecionados e orientados pela decolonialidade planetária como princípio fundamental (Rodríguez, 2022b). O propósito é enfatizar que a realização de investigações complexas e transdisciplinares requer a transcendência dos métodos convencionais, superando a armadilha do reducionismo e da evasão. Nesse contexto, a decolonialidade, que promove a inclusão de múltiplas perspectivas, revela o que anteriormente estava oculto para alcançar uma compreensão mais profunda.

O rizomático marca complexamente rupturas significativas que permitem a inclusão dos excluídos. Assim, os rizomas complexos são reintegrados em estruturas de pesquisa igualmente complexas. A partir das concepções de pós-estruturalismo e pós-modernidade “qualquer elemento pode afetar ou afetar qualquer outro” (Deleuze; Guattari, 1972, p. 13, tradução nossa).

O rizoma, por ser acêntrico, subverte a ideia de evasão e preeminência e, assim, “o rizoma é assimétrico e não tem um centro único e determinado. Tudo e nada é centro” (Mendoza Valdés, 2005, p. 85, tradução nossa). É por isso que, na filosofia ocidental, ela é imposta,

O pensamento rizomático implica uma ruptura com o conhecimento sistemático, afirmando múltiplas possibilidades na ação humana. Em um rizoma não há pontos ou posições, pois eles são encontrados em uma estrutura, uma árvore, uma raiz. Só há linhas... Ao mesmo tempo, a linha de fuga aponta para a realidade de um número limitado de dimensões, que a multiplicidade efetivamente preenche (Deleuze; Guattari, 1978, p. 15, tradução nossa).

O cerne das investigações que buscam abordagens decoloniais, planetárias e complexas nos rizomas é o sentimento-pensamento. Essas abordagens se fundamentam no acesso a um conhecimento descolonizado que abrange as esferas das ciências, da filosofia, da teologia e de formas de conhecimento contextualizadas e relacionais.

Reconstrução: A transfilosofia sensível do rizoma como sistema complexo

A importância de esclarecer o significado reside na necessidade de evitar que conceitos coloniais deturpem o discurso e causem confusão entre os leitores. É relevante ressaltar que o prefixo *trans* significa além, conforme destacado por Enrique Dussel:

Que além (*trans*) indica o ponto de partida da exterioridade da modernidade, daquilo que a modernidade excluiu, negou, ignorou como insignificante, sem sentido, bárbaro, não cultural, alteridade opaca porque desconhecida, avaliada como selvagem, incivilizada, subdesenvolvida, inferior, mero despotismo oriental, modo de produção asiático, etc. Vários nomes dados ao não-humano, ao irrecuperável, àquela sem história, àquela que se extinguirá diante do avanço avassalador da "civilização" ocidental globalizante (Dussel, 2004, p. 222, tradução nossa).

Assim, transfilosofia significa além da filosofia, reconstruindo as questões fundamentais da filosofia para atender às necessidades prementes do planeta Terra, considerando a categoria do “sentimento” como essencial. Este enfoque visa manter a vigilância constante sobre os vícios coloniais que obscurecem nossa compreensão da natureza e da humanidade.

É relevante observar que o prefixo *trans* frequentemente utilizado de maneira negativa na exploração dos recursos naturais, é empregado, neste contexto, para recuperar e respeitar a complexidade da natureza da vida dentro da filosofia. Conforme destacado por Enrique Dussel em sua obra *Sistema-Mundo e Transmodernidade* (Dussel, 2004, p. 222), na citação acima, a filosofia ocidental descoloniza salvaguardas, dá inclusão à filosofia do exterior da modernidade e valoriza as riquezas das civilizações ocultas. Este retorno à filosofia clássica, que havia sido negligenciada, nos leva a uma reflexão mais profunda sobre o significado de sabedoria, *φιλosophία*, será necessário redefinir: *O que é sabedoria, de onde vem nos rizomas como sistemas complexos?*

Em um contexto de crise do conhecimento no planeta Terra, a filosofia se distanciou da teologia e a ciência separou a razão da alma e do espírito, resultando em uma fragmentação da concepção do ser humano. Conseqüentemente, a sabedoria foi desvinculada da essência da alma e do espírito humanos, que são energéticos e perduram. Isso nos remete à antiga concepção que associa a razão à mente, alma e espírito, e à inseparável união entre a filosofia e a teologia com o sentimento-pensamento. Como expressou Heráclito de Éfeso em seus célebres aforismos, que são breves, porém profundas, reflexões filosóficas:

Apelidada de Obscura pela tradição, e representante da maturidade do pensamento jônico ou pelo menos de uma importante ruptura nele, a musa jônica, segundo Platão [...], continua a representar na história do pensamento antigo e, conseqüentemente, na da filosofia; filosofar-se (Olmos, 2015, p. 26, tradução nossa).

Esse filosofar morreu nas mãos da conveniência, com a separação entre a ciência e a filosofia, bem como entre a filosofia e a teologia. É sabido que o filósofo pré-socrático Heráclito viu a necessidade de um aprofundamento no conceito de devir, semelhante à reforma do pensamento promovida por Edgar Morin. A transfilosofia, como aqui compreendida, não se limita a uma filosofia desvinculada da teologia que carece de relevância para além do ser humano (Schlegel, 1994). Pelo contrário, ela reconhece a unicidade entre o ser humano e o mundo exterior, que são parte de uma mesma criação: o planeta Terra. A abordagem considera profundamente a poética, a natureza e a complexidade do ser humano, incorporando uma sabedoria ecológica que abrange os aspectos sociais, ambientais e espirituais. Essa perspectiva aceita e ressignifica a complexidade do ser humano, suas contribuições e saberes em uma abordagem sócio-espírito-mente nas salas de aula.

Para isso, a abordagem deve ser inclusiva, sempre respeitando a natureza da vida e rompendo com as convenções, como sugerido pela natureza intrínseca dos rizomas. Isso nos levará a possibilidades mais amplas no discurso, permitindo uma transição além da filosofia colonial em direção a uma filosofia aberta, decolonial e complexa, no espírito dos rizomas: *conexão e heterogeneidade, Multiplicidade, significando ruptura e cartografia e adesivos*. Esses elementos se refletem na “transfilosofia senciente” no âmbito da decolonialidade planetária e complexidade.

O rizoma em si é uma filosofia complexa, é um sistema complexo, aberto, transdisciplinar. Nesse sentido, adota o princípio sistêmico ou organizacional que relaciona as partes ao conhecimento (Morín, 1994) do todo rizomático, que é um sistema aberto e jamais completamente compreendido, uma vez que sua essência é constantemente marcada por rupturas. À medida que a decolonialidade desvela essências anteriormente ocultas e desmitificadas, o princípio de ruptura do rizoma mantém sua relevância contínua.

No âmbito da “transfilosofia senciente,” com o princípio hologramático, expressou-se a ideia de que as partes estão contidas no todo, e que o todo se encontra em cada parte (Morín, 1994), refletindo a complexidade e a unidade ainda amorfa, mas completa, do rizoma. O princípio retroativo, que aborda como uma causa influencia um efeito e vice-versa, é um elemento essencial (Morín, 1994). Além disso, o princípio recursivo transcende a totalidade

da regulação, incorporando a noção de autoprodução e auto-organização. Isso é fundamental para compreender a natureza do rizoma, que está em constante quebra e transformação.

A transfilosofia senciente dos rizomas incorpora princípios fundamentais, como o da autonomia e da dependência. Este princípio expressa a autonomia do ser humano, ao mesmo tempo, em que o relaciona com o meio ambiente, a natureza e a Terra (Morín, 1994). O *princípio dialógico*, por sua vez, integra antagonismos como complementares, enfatizando a união dos *topoi* e minimizando a abismo do pensamento. Nesse contexto, o rizoma é inegavelmente belo, pois reintegra o que estava separado da vida, retornando à natureza de sua criação. O princípio da reintrodução do sujeito desempenha um papel crucial, uma vez que destaca que todo conhecimento é uma construção da mente (Morín, 1994).

Retomando a ideia de ruptura insignificante, essencial para a pesquisa decolonial planetária, o rizoma é um sistema que “não cessa de se reconstituir” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 15), seguindo uma dialética contínua de desterritorialização e reterritorialização. Nesse contexto, ocorrem processos complexos de resistência, assimilação, reinterpretação e reinvenção em meio à colonização e à evasão. Isso envolve até mesmo “demandas modernas de reconhecimento formuladas em línguas muito antigas ou, ao contrário, demandas de reconhecimento dos próprios valores (como a própria comunidade) em linguagens modernas, como a democracia e os direitos humanos” (Zárate, 2013, p. 51, tradução nossa).

Com a *propriedade de ruptura significativa*, a pesquisa decolonial planetária mostra-se “conectável em todas as suas dimensões, desmontável, alterável, suscetível a modificações constantes” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 18, tradução nossa). Ela aborda a ecologia da ação e incorpora o princípio recursivo, que vai além da totalidade da regulação ao incluir a autoprodução e a auto-organização. Esses processos de revisão de instrumentos são suscetíveis a inúmeras mutações em diferentes contextos, que são formados por opressores, e muitos oferecem falsas libertações. Tais questões requerem uma abordagem aprofundada em investigações decoloniais planetárias.

Com a quebra do significante, o rizoma, como um mapa, “não replica um inconsciente fechado em si mesmo, ele o constrói” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 17, tradução nossa), configurando-se como um devenir decolonial inspirado na filosofia de Deleuze (Da Silva; Ferreira, 2019). Na pesquisa decolonial, os transmétodos não suprimem epistemologias; pelo contrário, realizam sua desconstrução e descolonização. Conscientes de que a construção do discurso deve envolver diversas perspectivas, a abordagem valoriza o sentimento-pensamento, a vivência e o autoexame. Isso implica revelar as formas mascaradas de convivência em

comunidades cultas e transculturadas, muitas vezes ocultando seu valor, como ocorre, por exemplo, em situações de vergonha étnica. A prática decolonial e a pesquisa decolonial libertadora, complexa e transdisciplinar “toma a forma de ações/traços decoloniais (não em etapas de pesquisa, nem em métodos, nem técnicas, nem instrumentos). Essas ações decoloniais são a contemplação comunitária, a conversação alterativa e a reflexão configurativa” (Ortiz; Arias, 2019, p. 157, tradução nossa).

No contexto da propriedade de conexão e heterogeneidade dos rizomas, é imperativo que reavaliar as relações humanas a partir da multiplicidade insular (Vignola, 2020). Buscou-se a inclusão sem perder de vista a diversidade, com respeito às diferentes culturas, sem favorecer nenhuma em particular. O objetivo é contribuir harmoniosamente para o planeta, evitando qualquer preeminência. Nesse sentido, é relevante compreender que “o rizoma conecta qualquer ponto com qualquer outro ponto, cada uma de suas características não se refere necessariamente a características da mesma natureza; O rizoma põe em jogo regimes de signos muito diferentes e até estados de não-signos” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 25, tradução nossa).

Reconhecemos a imensa diversidade presente na natureza, na cultura e no patrimônio cultural e histórico das civilizações. Por meio de um “sistema rizomático ou complexo é definido não por suas constantes ou sua homogeneidade, mas por uma variabilidade imanente e contínua” (Ingala, 2008, p. 260, tradução nossa). Portanto, apesar da diversidade, mantêm-se uma conexão universal baseada no respeito à vida e à biodiversidade. Essa conexão se estende ao entendimento de que compartilhamos o mesmo lar, e utilizamos o princípio sistêmico ou organizacional para relacionar as partes com o conhecimento do todo, tal como ocorre na Terra.

Na *propriedade de conexão e heterogeneidade dos rizomas*, a transfilosofia senciente nos leva a contemplar os princípios de complexidade que se entrelaçam em aberturas rizomáticas profundamente inclusivas. Dentro do contexto da decolonialidade planetária, reside um processo complexo, que, com o princípio hologramático, pode-se expressar como a ideia de que as partes da diversidade estão contidas no todo e, inversamente, o todo está presente em cada parte.

Nesse âmbito, é explorado questões desafiadoras, tais como: Como substituir a influência da modernidade colonizadora que molda nossos pensamentos, ações e sentimentos por meio da linguagem? Como nos libertar da linguagem sem causar perturbações no pensamento? E, mais fundamentalmente, como nos libertar completamente da colonialidade?

(Ortiz; Arias, 2019), “pôr em jogo não só regimes de signos diferentes, mas também estatutos de Estados de coisas” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 13, tradução nossa).

Sabe-se que “todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído etc., mas também linhas de desterritorialização segundo as quais escapa incessantemente” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 15). Nesse contexto, a decolonialidade planetária visa permitir que “a pessoa se torne autoconsciente e, acima de tudo, escute sua própria voz através de sua reflexão. [...] pessoas conhecidas que muitas vezes arranjam a palavra para trocar com o coração” (Walsh, 2013, p. 138, tradução nossa).

Um princípio fundamental da decolonialidade planetária é o respeito à diversidade, sem conceder superioridade ou preeminência a nenhum grupo. Isso se alinha com a ideia de que “o rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno, nem ao Múltiplo” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 25, tradução nossa). Ao explorar as origens do conhecimento e as contribuições muitas vezes negligenciadas pela colonialidade, com efeito “o rizoma é uma antigenealogia” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 16).

Além disso, a ecosofia, que se refere à sabedoria cosmológica e à arte de habitar o planeta, transcende a mera ecologia e incorpora a relação entre o Homem, Deus e o Cosmos, buscando um novo equilíbrio (Panikkar, 1994). Os rizomas, por sua natureza aberta a múltiplos caminhos e rupturas, têm o propósito de abrir espaços para o resgate de conhecimentos que foram suprimidos, contribuindo assim para a inclusão de saberes anteriormente esquecidos.

Como nas pesquisas decoloniais, as transmetódicas que aqui é proposto compartilham uma semelhança com os rizomas, pois uma de suas características mais importantes “é a de ter sempre múltiplos verbetes” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 18, tradução nossa). Essa multiplicidade, inerente às transmetódicas, não se encontra em um estado definitivo ou conclusivo. Elas não buscam se tornar regras rígidas e metódicas, uma vez que isso trairia a essência decolonial do planeta.

A *cartografia* e a *propriedade decalquem* dos rizomas em pesquisas decoloniais planetárias nos permite explorar saberes inacabados. Essas qualidades atuam como contrastes e mapas que são desenhados em meio às transestemes. Todas essas características encontram alinhamento com os princípios da complexidade, já que um rizoma é, por natureza, complexo. O mapa é concebido como algo aberto, similar à própria Terra, sendo “conectável em todas as suas dimensões, destacável, alterável, suscetível a modificações constantes. Pode

ser quebrado, alterado, adaptado a diferentes configurações” (Deleuze; Guattari, 1980, p. 18, tradução nossa).

Esses mapas infundáveis devem incorporar a essência da solidariedade e da capacidade de ruptura, adaptando-se às necessidades de um contínuo oferecimento decolonial. Ao falar da solidariedade do ser humano que muitas vezes é desumano, “a fonte individual é sufocada pelo egocentrismo; a fonte comunitária está desidratada pela degradação da solidariedade; a fonte social é alterada por compartimentações, burocratizações, [...] sobre a espécie” (Morín, 2010, p. 31, tradução nossa). A pesquisa decolonial deve incorporar essa consciência para combater as condições de desamor à humanidade.

Trata-se de uma resistência contra a contínua colonização, contra a ignorância de identidades e a valorização de todos os aspectos de nossas vidas, demonstrando essa realidade e todo o conhecimento, incluindo a educação. Não aceitamos polaridades inconciliáveis, como resistência e anti-resistência, pois, sob a lógica do terceiro incluído da transdisciplinaridade colonial, a mesma ilusão de rejeição e exclusão entre entidades opostas gera uma lógica relacional que as engloba.

Por exemplo, na linha de pesquisa da decolonialidade planetária: *A Educação Matemática Decolonial Planetária*, promove-se uma transfilosofia senciante que estabelece uma conexão vital com a terra. Isso transfere a ênfase do domínio sobre a terra para o reconhecimento da interexistência, declarando que somos hóspedes inseridos na natureza e na terra, em uma antropoética que prioriza valores éticos de solidariedade em detrimento do individualismo e da competição cruel. É um chamado ao respeito e à plena celebração da ancestralidade.

Visões de mundo, em todas as quais a matemática pode colaborar em tradições, oralidades, linguagem, que animam o nível ético-místico-estético-poético das civilizações; perspectivas econômicas não centradas na renda ou na acumulação de bens, mas na equidade social resultante do trabalho cooperativo; a compreensão das sociedades (Rodríguez, 2022d, p. 11, tradução nossa).

Na educação, em seu contexto mais amplo, é fundamental direcionar uma atenção especial à complexidade, cuidando da compreensão do ser humano, de sua busca pela autorrealização e do valor da vida em todos os aspectos. Isso deve ser feito com respeito às diversas civilizações e sua interação na Terra. A pesquisa desempenha um papel crucial ao convergir as perspectivas da decolonialidade com a complexidade planetária, afastando-se dos

métodos coloniais tradicionais. Em pesquisas onde a confluência da liberação ontoepistemológica é especialmente urgente (Rodríguez, 2022e).

A pesquisa decolonial planetária adverte que, apesar dos avanços significativos, mesmo em plena era tecnológica e científica, o patriarcado ainda mantém uma influência abrangente. Mesmo quando a ciência e a tecnologia são utilizadas para contornar essa influência, o poder do patriarcado continua a afetar todos os aspectos da sociedade (Capra, 1992). Essa colonialidade global tem como objetivo subjugar a própria natureza da criação.

Os resultados apresentados neste contexto são considerados incompletos, uma vez que continuamente as ideias são desenvolvidas e desvendam estruturas coloniais, enquanto se reconectam com as essências da decolonialidade planetária. O rizoma “opõe-se ao genealógico e ao reprodutivo porque se orienta para a experimentação: o rizoma constrói, inventa, nunca plagia. Tem uma estrutura alterável, opera bifurcações” (Bouhaben, 2013, p. 49, tradução nossa). Nesse sentido, a pesquisa busca explorar abordagens rizomáticas inovadoras, que nunca são definitivas e não pretendem encontrar verdades absolutas. Em vez disso, elas se dedicam a construir conhecimento, um exemplo notável sendo a transfilosofia senciante.

A filosofia dos rizomas, ou os próprios rizomas enquanto filosofia, fundamenta-se na abdicação da busca por hierarquias no conhecimento, seja a hierarquia em relação ao próprio conhecimento ou em relação aos outros. Isso implica em evitar a tendência de adjetivar, valorizar ou rotular o conhecimento, permitindo que ele se expresse sem confronto ou limitações. Na educação, o currículo não é predefinido, mas emerge no contexto planetário à medida que as necessidades se revelam, com contribuições dos participantes, não relegadas a um papel secundário.

Ser rizomático nunca é seguir uma ordem, receitas ou fórmulas pré-estabelecidas. Em vez disso, a comunidade educação, em conjunto, constrói um modelo que se adapta ao vasto conjunto de conhecimentos e saberes contextualmente relevantes. Essa construção ocorre sem a promoção de preeminências ou superioridades, com um compromisso contínuo de manter complexidades abertas em qualquer processo construtivo. Dessa forma, o questionamento constante permeia o exercício educacional, desafiando o pensamento reducionista dos alunos, incentivando uma abordagem mais profunda e crítica, longe do conformismo.

Conclusivo no início das linhas de investigação: Continuamos a transfilosofar os rizomas

Como objetivo complexo, foi analisado a transfilosofia senciente do rizoma, que é um sistema decolonial planetário-complexo, ou seja, transfilosofamos uma filosofia que são os rizomas. Como mencionado, são estudos das seguintes linhas de investigação: Transmetodologias Complexas e Transmétodos Decoloniais Planetários-Complexos, Educação Decolonial Planetária - Transepistemologias Complexas e Decolonialidade-Complexidade Planetária na Religação. Essa investigação é guiada por uma abordagem rizomática que representa uma alternativa à pesquisa colonial reducionista, aos métodos tradicionais e à desconstrução rizomática.

Agora, surge a questão de como engajar a filosofia com os rizomas. A filosofia tradicional e os rizomas como sistemas complexos cumpriram seus papéis, mas agora devemos considerar o papel necessário da filosofia e a utilidade dos rizomas na complexa decolonialidade planetária, em resposta às urgentes necessidades globais do planeta Terra. Isso não se trata apenas de desmistificar a filosofia por sua intencionalidade, mas de contribuir sabiamente para lidar com as crises planetárias por meio dos rizomas. Isso implica em avançar para novos estágios de pensamento, construir investigações que sejam não cêntricas e não simétricas, e romper com a hierarquia.

Transfilosofar com os rizomas envolve uma revisitação da teologia cristã e da ética filosófica, unindo ciência, filosofia e teologia para revigorar a filosofia antiga e incluir perspectivas filosóficas latino-americanas e conhecimentos ancestrais colonizados. Isso também abraça a filosofia do oculto e do subestimado da humanidade, bem como a filosofia ocidental libertada e descolonizada por meio da abordagem rizomática.

Transfilosofar os rizomas também requer questionar a reverência à ciência colonizada e reconhecer a complexidade inerente aos rizomas. Isso implica retornar à crítica e às questões fundamentais da filosofia no contexto dos rizomas, questionar as ciências à luz de seu reducionismo e subvertê-las com inclusão de primeira classe, rompendo com o pensamento centrado. É uma jornada para descolonizar a filosofia rizomática à luz das novas necessidades planetárias, incluindo a América Latina, e considerar a filosofia dos rizomas como a filosofia da Terra como pátria. Como afirmou Deleuze: “Qualquer ponto do rizoma pode ser ligado a qualquer outro. Isso não acontece na árvore” (Deleuze, 2000, p. 19, tradução nossa).

É de extrema importância garantir que as conexões estabelecidas nos rizomas em construção sejam plenamente abertas e facilmente conectáveis a todo conhecimento descolonizado, revelando, assim, uma compreensão transversal que transcende a perspectiva

da transdisciplinaridade decolonial. Essa abordagem está sendo minuciosamente explorada nas linhas de pesquisa mencionadas. O resultado é uma sensação de que as epistemes estão passando por um processo de reconstrução, aprimoramento e, em última instância, uma forma maravilhosa de transfilosofia que é visionária e profundamente inclusiva.

É vital reconhecer que a inter-relação entre o sujeito de pesquisa e a natureza da realidade, especialmente no contexto do complexo objeto de estudo filosófico em constante evolução, que é o rizoma, ocorre em um ambiente de extrema complexidade. No arquipélago da certeza e no mar da incerteza, esse processo é intrincado. A abordagem de pensamento senciante, que pressupõe que o sujeito que apreende e constrói o objeto de estudo filosófico rizomático não está separado dele, mas sim o Íntegra em sua própria cultura e torna compreensível, não compromete a busca pela verdade, desde que seja considerada em condições adequadas de resolução de problemas proporcionadas pela Terra-pátria. Aprender a filosofar de maneira rizomática é uma jornada longa e enriquecedora, permeada por diversos aspectos, como valores, capacidade reflexiva e intervenção na linguagem, entre outros.

A aplicabilidade dos rizomas se destaca na maneira como afeta as subjetividades dos envolvidos no processo educativo, promovendo o respeito pelas civilizações e sua diversidade de saberes. Isso é feito sem preeminência, sempre visando promover a inclusão em consonância com o respeito pela vida, manifestações culturais e pelo bem-estar dos alunos. *Transfilosofar o pensamento senciante é ser planetário decolonial, complexo, profundamente inclusivo, buscando o brilho da sabedoria ecosofia-distopia como unidade do planeta.*

Todos esses aspectos são de importância crucial ao considerar a abordagem apodítica da decolonialidade planetária, que visa desvincular e reconectar, promovendo uma reforma no pensamento e na filosofia em colaboração com as civilizações ocultas e a complexidade inerente ao ser humano. Há uma multiplicidade de preocupações e responsabilidades que precisam ser abordadas à medida que se prossegue com as linhas de pesquisa. A filosofia deve ser ativamente responsiva aos desafios que surgem em todas as esferas da colonialidade global; caso contrário, enfrenta a perspectiva do fracasso. Este questionamento encontra sua resposta na transfilosofia senciante.

A transfilosofia senciante encoraja a desconstrução, a reconstrução, o pensamento profundo, a solidariedade e a ruptura como meio de promover a inclusão daquilo que está emergindo no discurso, bem como daquilo que permanece oculto devido aos impactos da colonização, da colonialidade e da colonialidade global. Todos compartilham a

responsabilidade de pensar na vida com respeito à natureza da criação e à complexidade do ser humano.

Dedicação e meu epílogo ecosófico na libertação do sujeito de pesquisa: Neste processo de realinhamento com a constituição complexa, vislumbramos a esperança de preservação da Terra, que todos compartilhamos. Esta constituição representa uma renovação, na qual nossa vida é considerada sagrada pelo divino. “Na presença daquele que tem entendimento está a sabedoria, mas os olhos do tolo estão nos confins da terra” (Provérbios 17:24). Bênçãos a todos em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, àqueles que leem minhas publicações retribuem seu tempo com o amor de Deus.

REFERÊNCIAS

- ARIAS, A.; ORTIZ, M. Hacer decolonial: desobedecer a la metodología de investigación. **Hallazgos**, Bogotá, v. 16, n. 31, p. 1-20, 2019. DOI: 10.15332/s1794-3841.2019.0031.06 Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-38412019000100147. Acesso em: 31 ago. 2023.
- BOUHABEN, M. Introducción a una metodología rizomática. **Metakinema**, Granada, v. 13, n. 4, p. 1-12, 2013. Disponível em http://www.metakinema.es/metakineman13s4a1_Miguel_Bouhaben_Rizhome_Marienbad_Re snais.html. Acesso em: 16 mar. 2023.
- BUSSO, H. «Salirse de juego». Perspectivas de articulación teórica entre la crítica decolonial transmoderna con las reflexiones de Foucault y Deleuze. **Tabula rasa**, Bogotá, v. 12, p. 103-120, 2012. DOI: 10.25058/20112742.113 Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6262654>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- CAPRA, F. **El punto crucial**: ciencia, sociedad y cultura naciente. Buenos Aires: Editorial Troquel, 1992.
- DA SILVA, A.; FERREIRA, L. Rotas de fuga deleuzeanas como estratégia decolonial no ensino de língua espanhola no Brasil. **REPECULT Revista ensaios e pesquisa em educação e cultura**, Costa Lima, v. 4, n. 7, p. 146–156, 2019. DOI: 10.29327/211303.4.7-9. Disponível em: <https://costalima.ufrrj.br/index.php/REPECULT/article/view/316>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- DELEUZE G. **Conversaciones**: 1972-1990. Valencia: Pre-Textos, 1995.
- DELEUZE G. **Mil mesetas**. Pretextos, Valencia, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Capitalisme et schizophrénie**. Paris: L'Anti-Œdipe, 1972.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka, por una literatura menor**. México: Ediciones era, 1978.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Mesetas**. Capitalismo y Esquizofrenia. Valencia: Pre-textos, 1980.

DUSSEL, E. Europa, Modernidad y eurocentrismo. *In*: LANDER, E. (ed.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2000.

DUSSEL, E. **Hacia una filosofía política crítica**. Madrid: Descleé de Broouwer, 2001

DUSSEL, E. Sistema-mundo y Transmodernidad. *In*: BANERJE, I.; DUBE, S.; MIGNOLO, W. (ed.). **Modernidades coloniales**. México: Editorial El Colegio de México, 2004.

FALS BORDA, O. **El problema de cómo investigar la realidad para transformarla por la praxis**. Bogotá: Tercer Mundo editores, 1978.

INGALA, E. La complejidad y el pensamiento de Gilles Deleuze. **Δαίμων. Revista de Filosofía**, Murcia, supl. 2, p. 255-261, 2008. Disponible em: <https://revistas.um.es/daimon/article/view/120581>. Acceso em: 30 mar. 2023.

MALDONADO-TORRES, N. On the coloniality of being contributions to the development of a concept. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 240-270, 2007.

MENDOZA VALDÉS, R. Ética de la repetición, o el pensar del rizoma. **Pensamiento. Papeles de Filosofía**, México, v. 4, p. 80-86, 2005. Disponible em: <https://revistapensamiento.uaemex.mx/article/view/258>. Acceso em: 30 mar. 2023

MIGNOLO, W. **La idea de América Latina**. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2007.

MIGNOLO, W. **Historias locales, diseños globales**. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2003.

MORÍN, E. **El método III: el conocimiento del conocimiento**. Madrid: Cátedra, 1994.

MORÍN, E. **Pensar la complejidad, Pensar la complejidad**. Crisis y metamorfosis. Madrid: Universidad de Valencia, 2010.

OLMOS, C. Revisitando las fuentes y conceptos fundamentales de la filosofía de Heráclito de Éfeso. **Mutatis Mutandis: Revista Internacional de Filosofía**, Murcia, n. 6, 25-43 2015. Disponible em: <https://revistamutatismutandis.com/index.php/mutatismutandis/article/view/146>. Acceso em: 30 mar. 2023

PANIKKAR, R. **Ecosofía**. Para una espiritualidad de la tierra. Madrid: Siruela, 1994

PANIKKAR, R. **La plenitud del hombre**. Una cristofanía. Madrid: Siruela, 1999.

PANIKKAR, R. **De la mística**. Experiencia plena de vida. Barcelona: Herder, 2005.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In: La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. LANDER, E. (comp.). Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 1989.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, Lima, v. 16, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em:

<https://arqueologiageneralunca.wordpress.com/2018/04/07/quijano-colonialidad-y-modernidad-racionalidad/>. Acesso em: 30 mar. 2023

RODRÍGUEZ, M. E. **Fundamentos epistemológicos de la relación patrimonio cultural, identidad y ciudadanía: hacia una educación patrimonial transcompleja en la ciudad**. 2017. Tesis (Doctoral en Patrimonio Cultural) – Universidad Latinoamericana y el Caribe, Caracas, 2017.

RODRÍGUEZ, M. E. Deconstrucción: un transmétodo rizomático transcomplejo en la transmodernidad. **Sinergias educativas**, Quevedo, v. 4, n. 2, p. 43-58, 2019a. DOI: 10.31876/s.e.v4i1.35. Disponível em:

<http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/382/3821582003/html/index.html>. Acesso em: 31 ago. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Re-ligar como práctica emergente del pensamiento filosófico transmoderno. **ORINOCO Pensamiento y Praxis**, Ciudad Bolívar, v. 11, p. 3-13, 2019b. DOI: 10.5281/zenodo.3709212. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7798409>. Acesso em: 2 jul. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. La decolonialidad planetaria como apodíctica de la transcomplejidad. **RECIPEB: Revista Científico-Pedagógica do Bié, Bié**, v. 1, n. 1, p. 43-57, 2021a. DOI: 10.5281/zenodo.5511830. Disponível em:

<http://recipeb.espbie.ao/ojs/index.php/recipeb/article/view/41>. Acesso em: 31 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Somos naturaleza en la Tierra-patria: visiones decoloniales planetaria-complejas. **Educarmais**, Pelotas, v. 6, p. 209-220, 2022a. DOI:

10.15536/reducarmais.6.2022.2723. Disponível em:

<https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2723>. Acesso em: 31 ago. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Decolonialidad del hacer en la decolonialidad del ser y ésta en la del poder y saber: un análisis transmetódico. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 14, n. 32, p. 230-243, 2022b. DOI: 10.18316/rcd.v14i32.9309. Disponível em:

https://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/9309. Acesso em: 31 ago. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. **Transfilosofia Sentipensante**. Itapetininga: Edições Hipótese, 2022c.

RODRÍGUEZ, M. E. La transfilosofía sentipensante de la Educación Matemática Decolonial Transcompleja. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 44, e62606, p. 1-13, 2022d. DOI: 10.4025/actascieduc.v44i1.62606. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3033/303371539025/html/>. Acesso em: 31 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. O espírito do vale na decolonialidade planetária: porta larga na recivilização do conhecimento em educação. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 49, e11270, 2022e. DOI: 10.22481/praxisedu.v18i49.11270. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/11270>. Acesso em: 31 ago. 2023.

ROJAS, C. La crisis de la razón: de la filosofía de la conciencia a la filosofía del lenguaje. **Cuestiones de Filosofía**, Caldas, n. 17, p. 76-103, 2016. DOI: 10.19053/01235095.2848. Disponível em: https://revistas.uptc.edu.co/index.php/cuestiones_filosofia/article/view/2848. Acesso em: 31 ago. 2023.

SANTOS, B. Epistemologías del Sur. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, Maracaibo, v. 16, n. 54, p. 17-39, 2011. Disponível em: <https://produccioncientificaluz.org/index.php/utopia/article/view/3429>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SCHLEGEL, F. **Poesía y filosofía**. Estudio preliminar y notas de D. Sánchez Meca. Traducción de Diego Sánchez Meca y Anabel Rábade. Madrid: Alianza, 1994.

SOCIEDADES BÍBLICAS UNIDAS. **Santa Biblia**. Caracas: Versión Reina-Valera, 1960.

VIGNOLA, P. Archipiélago y archi-pliegue repensar las relaciones humanas desde la multiplicidad insular. **Ética & Política / Ethics & Politics**, Satorini, v. XXII, n. 2, p. 139-155, 2020. DOI: 10.13137/1825-5167/30984. Disponível em: <https://www.openstarts.units.it/handle/10077/30984>. Acesso em: 31 ago. 2023.

WALSH, C. **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: AbyaYala, 2013.

ZAMBRANO, M. **La razón en la sombra**. Madrid: Siruela, 2004.

ZÁRATE, J. Demandas indígenas en la construcción del México moderno. En Jorge Uzeta (ed.). **Identidades diversas, ciudadanías particulares**. México: El Colegio de Michoacán, 2013.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Ao Deus amado que é sempre o meu tudo e a todos os seres humanos cristãos de coração e de ação.

Financiamento: Não aplicável.

Conflito de interesses: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Ética e respeito é minha máxima de pesquisa.

Disponibilidade de dados e material: Sim.

Contribuição dos autores: Toda a pesquisa recai sobre a autora e suas linhas de investigação.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

